Alto Alentejo

Campo Maior

Campo Maior
Ouguela
Degolados

Luís Silveirinha

NADA
André Clérigo
Orphão

Estudantes de Artes:
Maria Ciobanu, Maria Sarrato, Ana Rijo, Alexandre Gaita e Carlos Cardoso

Alto Alentejo

Campo Maior

Campo Maior
Ouguela
Degolados

Luís Silveirinha

NADA
André Clérigo
Orphão

Estudantes de Artes:
Maria Ciobanu, Maria Sarrato, Ana Rijo, Alexandre Gaita e Carlos Cardoso

Alto Alentejo

ARTE PÚBLICA · fundação edp ·

Campo Maior

Campo Maior 18–33, 38

Ouguela 34

Degolados 36

Luís Silveirinha

NADA
André Clérigo
Orphão

Estudantes de Artes:
Maria Ciobanu, Maria Sarrato, Ana Rijo, Alexandre Gaita e Carlos Cardoso

Imaginemos que vamos a todas as localidades abrangidas pelo Arte Pública fundação edp e que pintamos as paredes de branco, desmontamos as instalações dos espaços, apagamos do mapa as obras de arte criadas nas várias povoações intervencionadas de norte a sul do País. Que efeito teria na vida destas pessoas?

O Arte Pública fundação edp é um mapa feito de um conjunto de obras de arte concebidas em espaços públicos de pequenas localidades de diversas regiões do País. Um programa desenhado pela fundação edp para proporcionar a comunidades rurais um maior contacto com a arte, provocando, simultaneamente, uma reflexão sobre a sua função na sociedade.

Sinais de trânsito transformados em figuras tradicionais como a da mulher de lenço na cabeça? Duas raízes de árvores entrelaçadas, com pernas e braços? Um moinho em cima de um burro? Um homem em cima de um escadote a apanhar estrelas? Obras "bonitas" e "boas para a terra", como costumam dizer as pessoas destas comunidades, sem se alongarem a extrapolar significados para lá dos significantes que lhes são apresentados. É neste grau zero, é nesta marca de início, que reside a premência do programa Arte Pública fundação edp.

O Arte Pública fundação edp introduz um contacto concertado por parte das populações com uma ideia contemporânea de cultura visual. Para muitos, o conceito de arte liga-se ainda à noção de artesanato ou a uma ideia de arte-verdade, em que o objeto artístico assume a função de replicação da realidade, numa mimética de embelezamento da mesma, como nos explica o artista plástico Xana, membro do movimento artístico dos anos 80 Homeostética e um dos artistas do projeto Arte Pública fundação edp que deixaram a sua marca nas localidades a barlavento e a sotavento do Algarve.

Em cada região, associações e artistas foram desafiados a apresentar propostas de intervenção pública, que iam da pintura à escultura ou à instalação em vídeo e/ou som. Os artistas partiram para o terreno com duas premissas. A primeira foi a de não se colocarem no papel de educador, mas sim de facilitador. O de pôr ferramentas à disposição de modo que as populações pudessem inteirar-se de como funciona todo o processo de criação artística, desde o *brainstorming* à definição de temáticas, ao uso de técnicas, à mão na massa, ao resultado. E a segunda foi a de desmistificar a arte enquanto prática elitista, inacessível. A arte tem, na sua premissa, uma matriz política: a de dar liberdade, a de proporcionar caminho e escolha.

Foram envolvidas as instituições locais para definir quais os espaços públicos disponíveis, a par dos equipamentos da rede da EDP Distribuição, empresa parceira da fundação edp neste projeto, a serem intervencionados. E, em cada localidade, a população foi convidada a participar em assembleias comunitárias. As pessoas conheceram os artistas e deram a conhecer-se. Expressaram as suas sugestões de temas a serem tratados em obras, contaram as histórias e as tradições da terra, falaram das atividades económicas predominantes e das figuras de relevo.

Aos artistas coube a tarefa de interiorizar as sugestões e integrarem os temas sugeridos no seu trabalho e na sua linha autoral. Foram feitas maquetes das "obras-que-iriam-ser" que foram depois apresentadas à população.

PP 4 e 5: Intervenção do artista NADA (detalhe), Campo Maior, 2016. — P7: Assembleia comunitária, Campo Maior, 2016.

Seguiram-se os dias de trabalho, de feitura das obras. Na comunidade, cresce a curiosidade e a proximidade aos artistas. Precisam de alguma coisa? Água? Algo para comer? Momentos de pausa são passados na pastelaria da rua, no convívio com os locais.

O Arte Pública fundação edp é este ponto de encontro no qual se cruzam intencionalidade artística e intencionalidade social. É um programa que promove uma sensação de pertença, que já não se perde, independentemente de a tinta começar a cair, de a chuva vir a desbotar os tons. Neste caso, trata-se de uma sensação de pertença dupla. Este património artístico é das pessoas, da comunidade. Motivo por que são criadas, em cada região, visitas-percurso com guias locais, que são também elas uma forma de elo, de ligação das populações a quem as visita. E fá-las sentir-se não isoladas do mundo, mas parte de uma ideia de contemporaneidade que vive a cultura visual a uma velocidade estonteante. Se por um lado a arte fixa, fixa a identidade de uma povoação, por outro fluidifica-se, permite-se novos usos e abordagens.

Minho

Braga
Crespos e Pousada
Padim da Graça
Merelim (São Paio)
Panoias e
Parada de Tibães
Palmeira

Ribatejo

Rio Maior
Vila da Marmeleira
Assentiz
São João da Ribeira
Ribeira de São João

Médio Tejo

Vila Nova da Barquinha
Atalaia
Praia do Ribatejo
Tancos

Trás-os-Montes

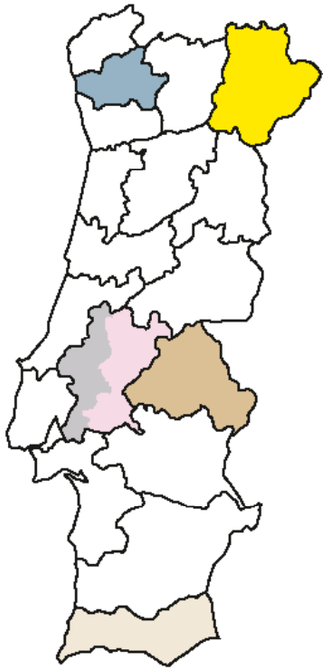
Alfândega da Fé
Torre de Moncorvo
Miranda do Douro
Mogadouro

Alto Alentejo

Campo Maior
Degolados
Ouguela

Algarve

Vila do Bispo
Barão de São João
Mexilhoeira Grande
Figueira
S. Bartolomeu de Messines
Alte
Alportel



S/ Título (intervenção nos Bombeiros Voluntários), NADA, Campo Maior, 2016.

Campo Maior

1. **THREE LITTLE BIRDS**, Maria Sarrato, Ana Rijo e Maria Ciobanu
2. **S/TÍTULO**, NADA
3. **S/TÍTULO**, NADA
4. **S/TÍTULO**, Luís Silveirinha
5. **S/TÍTULO**, Luís Silveirinha com NADA
6. **S/TÍTULO**, Luís Silveirinha com André Clérigo
7. **S/TÍTULO**, Luís Silveirinha com Orphão
8. **S/TÍTULO**, Alexandre Gaita e Carlos Cardoso
11. **S/TÍTULO**, Coletiva

Ouguela

9. **S/TÍTULO**, Orphão

Degolados

10. **S/TÍTULO**, Orphão

img © Paulo Alexandre Coelho — *S/ Título*, Orphão, Ouguela, 2016.

Alto Alentejo Mayor.Art

Parceiro:

Associação Coração Delta

Facebook:

Mayor.Art

Localidades:

CAMPO MAIOR
DEGOLADOS
OUGUELA

Workshop Stencil para os jovens da comunidade cigana do Bairro de S. Sebastião, orientado por NADA e Orphão. Campo Maior, 2016.

Em Campo Maior, vila alentejana onde se situa a sede do Grupo Nabeiro, proprietário dos Cafés Delta, o silêncio das ruas da hora de almoço não é muito diferente do das outras alturas do dia.
Na rua onde está situada a associação de solidariedade social Coração Delta, que ocupa uma das salas do Centro Educativo Alice Nabeiro, esse silêncio é cortado por uma carrinha que passa a anunciar as sessões do circo Chen

Assembleia comunitária em Ouguela, 2016.

seguida da reação de contentamento das crianças que estão no recreio da instituição.

"Para nós foi um grande desafio, estamos muito ligados à educação, à saúde. Mas nós gostamos de desafios e fizemos a integração pela arte", explica Dionísia Gomes, coordenadora da Coração Delta, parceira do Arte Pública fundação edp em Campo Maior, que assegurou a produção no terreno. O projeto chama-se Mayor.Art, contou com a coordenação artística de Luís Silveirinha e nele participaram os artistas de arte urbana NADA e Orphão, alguns artistas emergentes da terra – André Clérigo, Alexandre Gaita, Carlos Cardoso, Maria Sarrato, Maria Ciobanu e Ana Rijo –, envolvendo na iniciativa a comunidade cigana. O processo começou pelas assembleias comunitárias, onde o povo decide quais os temas a serem abordados nas paredes da sua terra.

S/ Título (intervenção coletiva com a comunidade), Campo Maior, 2016.

Campo Maior tem 8.500 habitantes e as assembleias rurais, em Nossa Senhora da Graça dos Degolados e em Ouguela (freguesia de São João Batista), foram as mais participadas. "Na primeira assembleia, a população debateu os temas que fariam sentido abordar, houve assembleias que deram alguma discussão", conta Miguel Paula Campos, da Coração Delta. "Mas de todas a que deu mais pica foi a de Degolados. Os idosos interagiram de forma muito intensa, também com os jovens.

S/ Título (detalhe), Luís Silveirinha e André Clérigo, Campo Maior, 2016.

Os mais velhos a quererem temas ligados à agricultura, à história da mina da Tinoca, e a juventude a querer retratar mais o moderno, questões como o desporto." As duas primeiras assembleias foram para debater temas, a terceira, para os artistas apresentarem as maquetes do trabalho a realizar. Campo Maior tem uma particularidade em termos de divisão administrativa: é composta por duas freguesias urbanas e uma rural, Nossa Senhora da Graça dos Degolados. A norte e a leste, o município é limitado pela fronteira

S/ Título (detalhe), Orphão, Ouguela, 2016.

com Espanha; a sueste, pelo município de Elvas. As propostas debatidas em assembleia rondavam sempre três grandes temáticas, ligadas à história e às tradições da vila: o contrabando, as Festas do Povo – também conhecidas por Festas das Flores – e o café.

Visita guiada, *S/ Título*, Alexandre Gaita e Carlos Cardoso, Campo Maior, 2016.

"O Miguel fez bem essa ponte: houve um envolvimento dos artistas com a comunidade local em geral e com os jovens talentos, potenciais artistas", conta Isabel Raminhas, vereadora da Cultura e da Educação da Câmara Municipal de Campo Maior.

S/ Título (intervenção coletiva com a comunidade), Campo Maior, 2016.

"De frisar o facto de o Luís Silveirinha ser uma pessoa de Campo Maior, com trabalho consagrado na área, e que foi o elo facilitador para que toda a máquina do processo funcionasse melhor."

"O João Pinharanda [curador do Arte Pública fundação edp] estava na fundação edp na altura, tinha feito a curadoria de uma exposição minha e lançou-me o desafio", explica Luís Silveirinha, coordenador artístico do Mayor.Art. "Explicou-me o projeto, indicando que envolvia a comunidade de etnia cigana radicada em Campo Maior, sendo que eu faria a ponte entre a instituição, o artista de galeria e o artista de arte urbana." A primeira intervenção foi na Fonte Nova, à entrada de Campo Maior, junto às piscinas municipais cobertas, num edifício que é parte propriedade do município e parte da EDP Distribuição. "Foi uma intervenção coletiva que envolveu todos os artistas, os jovens de Campo Maior, outros artistas campomaiorenses ainda na escola e elementos da comunidade cigana."

S/ Título (intervenção coletiva com a comunidade), Campo Maior, 2016.

S/ Título, NADA, Campo Maior, 2016.

Luís Silveirinha considera que foi uma experiência única para Campo Maior. Saiu da vila há 20 anos e sentiu o peso do regresso, na qualidade de artista. Dá o exemplo da sensação da personagem do filme *Cinema Paraíso* (1988), que regressa à aldeia depois de ter ido estudar cinema para a grande cidade. "Isto para mim foi muito mais profundo do que fazer só intervenções. Não conhecia os jovens de lá, falavam comigo nas esplanadas, telefonavam. O presidente da câmara falava comigo sobre possíveis programas culturais."

Esta experiência, em que percebeu que a conceção de arte por parte da população está ainda muito ligada à ideia de "bem-fazer e bem desenhar", fez Luís Silveirinha pensar de forma mais aprofundada no que é que a arte urbana se está a tornar. "A arte urbana é arte? A arte não tem uma função em particular, não tem uma função decorativa. Querendo aproximar-se das populações, acho que pode estar a ceder demasiado."

"Aprecio arte contemporânea, mesmo a abstrata. Consigo ver o retrato que o artista quis representar. Fico é na dúvida se a população consegue apreciar", refere Dionísia Gomes.

Na parede exterior branca que se vê da janela da biblioteca do Centro Educativo Alice Nabeiro, está feita uma intervenção artística. À pergunta "o que é que gostariam de ver melhorado no centro educativo?", as crianças do quarto ano que frequentam o ATL responderam:

Workshop Stencil para os jovens da comunidade cigana do Bairro de S. Sebastião, orientado por NADA e Orphão. Campo Maior, 2016.

a biblioteca. "Trouxemos o André Clérigo, jovem da terra que participou no Mayor.Art, que veio explicar-lhes a diferença entre *graffiti* e arte urbana. As crianças disseram o que gostariam de ver retratado na parede, uma vez que o tema tinha que ver com o centro." Com a ajuda de André Clérigo, pintaram os símbolos das várias áreas do conhecimento ensinadas no centro: o soldado representa o Inglês, a lâmpada, o Empreendedorismo, o dinossauro a sair do ovo, as Ciências, o rato, as Novas Tecnologias e a paleta de cores, a Arte.

S/ Título, Luís Silveirinha com André Clérigo. Campo Maior, 2016.

Luís Silveirinha (1968)

Representado pela Galeria Alecrim 50, Luís Silveirinha tem obras nas coleções da **fundação edp**, António Cachola, Fundação Calouste Gulbenkian (biblioteca), entre outras. Aluno da Ar.Co entre 2003 e 2007, tem desenvolvido a sua atividade artística no âmbito do desenho e dos livros. Em 2015, desenha, a convite do escritor Valter Hugo Mãe, para o livro *Contos de Cães e Maus Lobos*. E, no mesmo ano, no Museu da Eletricidade - **fundação edp**, expõe *Areia,* com curadoria de João Pinharanda. Em 2016, é selecionado para o 10º Prémio Amadeo de Souza-Cardoso em Amarante e expõe *Impulsão* na Galeria Alecrim 50. A sua participação e colaboração em exposições coletivas é regular desde 1990. Em 2017, produziu com outros artistas *Tudo o Resto,* no Pavilhão 31, Hospital Júlio de Matos, em Lisboa.

André Calado *aka* NADA (1986)

Começou a pintar regularmente em 2011, depois de ingressar na escola de artes Ar.Co, em Lisboa. Começou por fazer colagens e já integrou festivais de arte urbana, como a segunda edição do Festival O Bairro i o Mundo e o Festival Conversas na Rua, na Amadora, em 2015. Em 2016, participou em ações como o projeto Street Art Carnide pela Boutique da Cultura, o Festival Route 118, o Loures Arte Pública e no projeto Byens Hegn, em Copenhaga. Em 2017, expõe pela primeira vez no Projeto Open Space na primeira Mostra de Artes Visuais, no Porto, e no Festival de Arte Independente de Matosinhos.

Luís Managem *aka* Orphão (1987)

Luís Managem, *street name* Orphão, nasceu em São Tomé e Príncipe e vive desde os 8 anos em Portugal. Estudou Artes no secundário, na Escola Seomara da Costa Primo, e no ensino superior, na Escola Superior de Educação de Santarém. Já participou em diversas exposições coletivas – com pinturas, desenho, escultura, instalação – e em festivais de arte urbana.

André Clérigo (1987)

Começou a estagiar no Centro de Ciência do Café, do Grupo Nabeiro, detentor dos Cafés Delta, na qualidade de *designer* e foi convidado a ficar a trabalhar. Tirou o curso de Técnico Superior Profissional em Desenvolvimento de Produtos Multimédia, na Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Portalegre. A veia artística diz vir-lhe da mãe, que fazia arte pública era ele ainda criança. Era professora primária e desenhava personagens infantis nas paredes da escola.

Estudantes de Artes:

Maria Ciobanu (1999)
Nasceu na Moldávia e vive em Campo Maior desde os 7 anos. Estuda na Escola Secundária D. Sancho II, em Elvas, uma vez que em Campo Maior não existe a área que pretendia seguir: Artes Visuais. Após terminar o secundário, pretende seguir Design de Interiores.

Maria Sarrato (2000)
Natural de Campo Maior, pediu transferência para a escola secundária de Elvas, D. Sancho II, uma vez que em Campo Maior não existe a área pretendida – Artes Visuais. Estudar em Elvas permite-lhe também continuar a estudar música. Após terminar o secundário, pretende seguir algo relacionado com *design.*

Ana Rijo (2000)
Natural de Elvas, vive em Campo Maior. Cumpriu o ensino básico em Campo Maior, mais tarde seguiu para o ensino secundário em Elvas, onde estuda atualmente. Soube desde sempre que queria seguir Artes Visuais e, mais tarde, pensa prosseguir num curso superior relacionado com Design de Moda ou Marketing e Design.

Alexandre Gaita (1997)
No 9º ano ainda chegou a pensar seguir Artes no secundário, mas acabou por optar por Ciências, são duas áreas que sempre o fascinaram. Hoje é operário na fábrica da Hutchinson, em Campo Maior. Pretende matricular-se no ensino superior em Gestão de Recursos Humanos. Encara a *street art* como *hobby*.

Carlos Cardoso (1998)
É trabalhador-estudante e tem aulas na Escola Secundária D. Sancho II, em Elvas, na área de Humanidades. Pretende seguir Ciências Políticas ou Ciências da Comunicação, na faculdade. Começou a fazer arte de intervenção, na rua, há quatro anos.

1

Three Little Birds

Autoria:
Maria Sarrato
Ana Rijo
Maria Ciobanu

Chama-se *Three Little Birds*. E as autoras são três: Maria Sarrato, Ana Rijo e Maria Ciobanu. "Agora estamos ao nível da manutenção destas obras. Falhou o tipo de tinta, devia-se ter dado uma tinta primária antes", refere Miguel Paula Campos, da Associação Coração Delta, referindo-se a algumas partes da pintura a descamar no edifício da Associação de Caçadores Polivalente, na Junta de Freguesia de Nossa Senhora da Expectação.

Ao lado, há um ringue desportivo relvado e um parque infantil. Em frente, estão as piscinas municipais descobertas. "O calor era muito", conta a senhora Maria Catarina, assistente de limpezas do espaço, justificando a descamagem. No verão, chegam a atingir-se 45 °C. "Já tirámos aí umas fotos, está bonito. Está é a saltar tudo, têm de limpar aquilo com a pressão."

Alguns apontamentos do verde das folhas estão a descolar-se da parede, dotando a obra de um maior encanto. É como se a pintura tivesse ganho vida, as folhas a saírem da parede e a crescerem para a rua. Na parte arredondada do edifício, está desenhado um coração em forma de pessoa, do qual brotam ramos da planta do café, o cafeeiro, com pequenas flores amarelas e vermelhas distribuídas pela ramagem. A raiz da planta está ancorada no coração. "O objetivo delas foi retratar o senhor Comendador Rui Nabeiro, a flor do café e a importância que o café tem para Campo Maior", explica Miguel Paula Campos.

"A sugestão foi-nos dada pelo Luís [Silveirinha]. Propôs-nos o tema do café porque não estava presente em nenhum mural", refere Maria Sarrato, que chegou ao Mayor.Art através da Coração Delta. "Estávamos com medo. Era o nosso primeiro mural e queríamos fazer algo em grande."

Começaram por fazer investigação acerca do café, estudaram a história, o pioneirismo em Campo Maior. "Cada uma fez o seu esboço. Fomos passando a folha umas para as outras e surgiu a silhueta do pioneiro do café em Campo Maior – que vai crescendo, como a natureza", conta Maria Sarrato. "O coração é o que faz crescer tudo à volta."

Por cima, há uns pássaros a rematar a imagem. "Trabalhámos de noite durante dois fins de semana. Na primeira sexta-feira, tivemos a ajuda do André Clérigo [artista local que participou também no Mayor.Art], que projetou o desenho na parede. Não sabíamos como é que se passava do papel para a parede", partilha Maria Sarrato.

Quanto ao balanço da experiência, dizem "venham mais". "Agradecemos imenso ao Luís [Silveirinha], pôs-nos sempre à vontade. Ligava a perguntar se precisávamos de alguma coisa. O Miguel Paula Campos também foi excelente. E o André [Clérigo] fez-nos uma visita guiada ao Centro de Ciência do Café, que foi bastante útil para a nossa pesquisa", remata Maria Sarrato. "E deram-nos liberdade total. Está toda a gente de parabéns."

Three Little Birds. Maria Sarrato, Ana Rijo e Maria Ciobanu. Campo Maior, 2016.

FREGUESIA Concelho:
CAMPO MAIOR

Localização:
Alameda dos Bombeiros Voluntários, Assoc. de Caçadores Polivalente Nº Sª da Expectação

GPS:
Latitude 39.013072
Longitude -7.06019

Three Little Birds. Maria Sarrato, Ana Rijo e Maria Ciobanu. Campo Maior, 2016.

Olhe, em vez destes bonecos sem olhos [e aponta para os desenhos nas portas dos balneários], podiam fazer umas pinturas aqui, umas rosinhas. A gente aqui gosta muito de rosas.

Maria Catarina, 63 anos, assistente de manutenção do parque da Junta de Freguesia de Nº Sª da Expectação.

2

S/Título

Autoria:
NADA

"Coloque-se aqui, aqui neste ponto." O comandante Miguel Carvalho sabe o sítio exato onde alguém que queira ver a obra de NADA, situada num dos edifícios dos Bombeiros Voluntários de Campo Maior, se deve colocar para apreciar este exemplo de arte pública no seu esplendor. "Acho que cheguei a fazer uma marca no chão", ri-se André Calado, *aka* NADA, ao saber da atitude de Miguel Carvalho. "O rapaz ia morrendo aqui de calor", conta o comandante. "É de salientar o esforço dele, havia alturas em que estavam 42 °C. E é um rapaz muito acessível, muito simpático."

O sítio exato para ver a obra de NADA tem que ver com o facto de a pintura ter aproveitado os vários recortes da fachada do edifício que permitem ver diversas partes do seu interior, as quais o artista da Margem Sul incluiu no desenho. E a pintura ganhou assim, no seu todo, tridimensionalidade. "Acho que, quando estava a pintar, desci e subi as escadas mais de cem vezes, para ver se ficava bem", refere André Calado, referindo-se às escadas interiores do edifício, que tem quatro pisos. "Não estava habituado a trabalhar com vários planos. E há, de facto, um sítio no local onde tudo encaixa, onde tudo fica alinhado. Quando avanças ou recuas, a figura começa a desconstruir-se. É uma interação interessante para quem vê. Aquela parede foi um desafio."

A figura é a de um contrabandista, que carrega um grande saco às costas. "Neste muro retratei muito a história dos antepassados de Campo Maior, das pessoas ligadas ao contrabando. E tentei aliar aquilo que faço com a História local", refere NADA. "Falei com pessoas da Delta, o senhor Rui Nabeiro fez ele próprio contrabando. Foi com ele que esta ideia surgiu. É uma pessoa acessível, estava sempre presente, fazia visitas, sempre com vontade de participar. Ele gosta de cumprimentar desde o administrador ao operário que está na linha. Foi muito engraçado perceber essa atitude."

A ideia de resiliência associada ao contrabando está muito presente nesta obra de NADA. "Contra todas as proibições, as pessoas desenvolveram os seus negócios. E passavam mais de 50 quilómetros debaixo de um calor intenso – que eu próprio também experimentei –, a carregar sacas de café às costas com o dobro do seu peso. As chinelas que a figura tem calçadas remetem para essa simplicidade, remetem para o povo."

Este contrabandista tem os traços característicos das figuras que NADA costuma representar no seu trabalho, as pernas penteadas a pelos e os braços a escamas. O torço está envolto por cordas, trabalhadas. Já o vermelho é também uma imagem de marca das suas obras. "No primeiro projeto que me convidaram para fazer, há uns anos, só havia tinta vermelha. E ficou."

S/ Título, NADA, Campo Maior, 2016.

S/ Título (detalhe), NADA, Campo Maior, 2016.

FREGUESIA Concelho:
CAMPO MAIOR

Localização:
Bombeiros Voluntários de Campo Maior

GPS:
Latitude 39.012877
Longitude -7.063284

S/ Título (detalhe), NADA, Campo Maior, 2016.

Eu gostei. E, para mais, não tenho conhecimento de outra estrutura de bombeiros que tenha uma pintura destas. O interior tem muitas valências paisagísticas, se não for valorizado... Se não houver nada, a desertificação aumenta.

Miguel Carvalho, 41 anos, comandante do Regimento de Bombeiros de Campo Maior.

3

S/Título

Autoria:
NADA

Os artistas que mais o influenciaram, dentro do campo da *street art*, foram o italiano Blu, os brasileiros Os Gémeos e Eduardo Recife ou os portugueses Gonçalo MAR e Fidel Évora. André Calado, conhecido por NADA, diz que os traços das figuras a que chegou e que são hoje uma das marcas do seu trabalho resultam de uma mescla de todas estas influências. Estas figuras podem ser vistas na Rua Dr. Telo da Gama em Campo Maior, no posto de transformação da EDP Distribuição que aí se encontra.

"A ideia inicial era pintar o edifício todo, mas percebemos depois que, com todos os cabos existentes, era difícil fazer passar o elevador", explica NADA. "Então, optámos por pintar só a parte de baixo." A parte de baixo é uma moldura que a geometria do edifício forma e enquadra na perfeição o desenho que o artista concebeu para ali. Trata-se de três figuras, duas maiores em primeiro plano, que poderemos considerar adultas, e uma terceira mais pequena atrás, como que protegida pelas duas da frente. Miguel Paula Campos, da Associação Coração Delta, refere que é uma das intervenções artísticas do projeto preferidas da população. Diz que as faz lembrar o presépio.

"Não há uma história ou inspiração", clarifica NADA. "Poderia dizer que são as pessoas de Campo Maior, há uma figura que tem uma amostra de flores. Esta ideia das flores acabou por ser transversal a todos os trabalhos." É transversal a ideia das flores e a abordagem particular que NADA lhes faz. Tanto nesta intervenção na Rua Dr. Telo da Gama como na do edifício dos Bombeiros Voluntários e na obra coletiva na Fonte Nova, à entrada da vila, André Calado desenha um círculo preto por cima de algumas figuras, preenchido por flores delicadas, brancas. Aqui na Rua Dr. Telo da Gama está na feminina, na dos Bombeiros é na do contrabandista e na coletiva está por cima das duas figuras angelicais que se encontram numa das paredes laterais do posto de transformação da EDP Distribuição. NADA dota, desta forma, as personagens de uma auréola, de uma carga histórica e cultural associada às Festas do Povo, que de quatro em quatro anos transforma a vila de Campo Maior num arraial de flores de papel.

"Talvez tenha pegado na ideia de família. Com as pessoas envolvidas no projeto, às tantas já não era apenas uma relação meramente profissional. Havia quem me convidasse para almoçar na sua casa. Um dos funcionários da Coração Delta, o Miguel [Paula Campos], convidou-me para ir para casa dele ver a final do Euro", conta NADA, que vive na Margem Sul. "Se calhar foi um bocado esse o espírito que captei, o de que as pessoas são todas muito próximas, toda a gente se cumprimenta na rua, toda a gente se conhece. Essa noção de entreajuda tem vindo a perder-se nos grandes centros urbanos. 'Proximidade' – acho que é essa a palavra."

NADA demorou dois dias a executar o trabalho. Houve um rapaz que o ajudou, o Armando Aranha. "O Armando foi o fotógrafo oficial do projeto Mayor.Art. É um rapaz que tinha deixado a escola, estava sem fazer nada e começou a tirar fotografias, a registar as obras. Tirou fotografias e ajudou-me a pintar. Hoje está a trabalhar para o Campomaiorense, a tirar fotografias para o clube e a fazer vídeos."

S/ Título (detalhe), NADA, Campo Maior, 2016.

FREGUESIA Concelho:
CAMPO MAIOR

Localização:
Rua Dr. Telo da Gama, 1A

GPS:
Latitude 39.015688
Longitude -7.068676

S/ Título (detalhe), NADA, Campo Maior, 2016.

Foi dada uma oportunidade aos jovens de Campo Maior, que é uma área muito desprotegida a nível local. Nós abraçámos este projeto, desempenhámos um papel grande no acompanhamento de todo o processo. O desafio foi interessante e os resultados estão à vista. O Miguel [Paula Campos] trabalha com as escolas, fizemos uma ligação muito grande aos jovens, principalmente os que têm fracos rendimentos escolares, vindos de famílias carenciadas. Foram jovens que tiveram um papel preponderante. Se tivessem de estar às sete da manhã junto às obras, estavam. Eles pintavam os enchimentos. Houve um jovem que fez toda a reportagem fotográfica, o Armando Aranha.

Dionísia Gomes, 53 anos, coordenadora da Associação Coração Delta.

4

S/Título

Autoria:
Luís Silveirinha

No canto inferior direito está desenhada uma rosa branca, com contornos vermelhos. No superior esquerdo, um rendilhado que podia ser parte de um naperon. Ambas as representações são alusivas à figura central da intervenção de Luís Silveirinha no posto de transformação da EDP Distribuição junto ao depósito de água da vila, também com intervenções do artista.

S/ Título, Luís Silveirinha, Campo Maior, 2016.

A figura central, que ocupa os dois blocos do edifício, um na horizontal e outro na vertical, formando um L deitado, é uma mulher. Uma mulher de saia rodada, lenço na cabeça e pandeireta nas mãos elevadas acima da cabeça. "A mulher em Campo Maior tem essa ligação grande à terra, à ceifa, à apanha da azeitona", refere Luís Silveirinha. "E é das mãos dela que sai grande parte daquilo que são as Festas das Flores – a manufatura das flores. É também ela que sai para a rua de castanholas a cantar as saias de Campo Maior, canção típica do folclore da zona."

Há vários tipos de saias, assim como há várias formas de as cantar. Conta-se que vêm do tempo da monarquia, praticada nos salões nobres. E passaram para o povo.

"No seu interior, esta mulher tem todo um movimento de flores, um movimento fecundo. Dela nasce toda a ação do cantar, do trabalhar. As cores são o azul e o sangue, que simbolizam a força do trabalho." O preenchimento da figura, rendilhado, como uma malha, é um traço muito característico do trabalho de Luís Silveirinha. "São formas que preenchem uma forma, um território dentro de um determinado corpo. Como se o nosso corpo fosse tatuado no seu interior."

A malha – de flores – é também o que cobre as ruas de Campo Maior durante as Festas do Povo. São extensões que transformam as ruas em algo de diferente, são como organismos vivos, cresceram e espalharam-se como uma hera.

Quanto às pandeiretas, quantas mais fitas tiver, mais rica é. Há uma frase escrita do lado esquerdo da mulher, que diz "Campo Maior Terra Querida Tão Cheia de Tradição", retirada de uma quadra das saias. "Quando se ouve as saias, é algo de saudosista. É alegre mas há um quê de melancólico, parece alegre mas ao mesmo tempo é triste. Está muito ligado às raízes, faz um apelo forte ao povo. Há mesmo uma relação deveras íntima com a própria vila", conta Silveirinha. E fala do que se lembra destas festas, uma vez que nasceu em Campo Maior, saiu de lá cedo e regressou para frequentar o segundo ciclo: "São muitas cores, há um jogo com a cor, com o trabalhar a cor. Os vizinhos fazem esse trabalho de grupo. Lembro-me de ser uma espécie de concurso, a minha rua tem de ser a melhor."

É hora da sesta, mas duas meninas brincam, de bicicleta, junto ao posto de transformação da EDP Distribuição. A Luana e a Isabel têm 10 anos e olham para os forasteiros que apreciam a pintura na parede. Abordadas acerca do que aquele desenho significa para elas, encetam um diálogo: "- Está muito bonita. - Simboliza a nossa vila. - Ali, há uma senhora com uma pandeireta. E depois uma flor de papel. - Por causa das festas da vila."

FREGUESIA Concelho:
CAMPO MAIOR

Localização:
Posto de transformação da EDP Distribuição

GPS:
Latitude 39.018352
Longitude -7.066462

S/ Título (detalhe), Luís Silveirinha, Campo Maior, 2016.

Acho que fica um ambiente mais animado e não tem um aspeto tão degradado. Ah, e dá para tirar fotos.
Inês Videira, 17 anos, estudante.

5

S/Título

Autoria:
Luís Silveirinha
com NADA

Era uma altura em que estava a trabalhar muito com vermelhos e com guaches. Para a intervenção no depósito de água, Luís Silveirinha – e depois André Calado, que assina NADA – teve de usar um elevador para poder trabalhar. "Quando estamos naquele elevador, não nos apercebemos da dimensão. E portanto, na altura, do desenho nasce desenho, das formas nascem formas, quase como se fossem diários gráficos. Foi uma escrita que foi sendo feita", conta Luís Silveirinha. "Só quando tinha a possibilidade de descer é que via como estava a ficar. E, quando se termina, há uma descoberta."

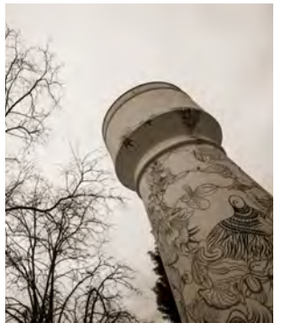
Luís Silveirinha e NADA não trabalharam na obra ao mesmo tempo, havia *timings* diferentes em termos de disponibilidade.

S/ Título (intervenção), Luís Silveirinha com NADA. Campo Maior, 2016.

"Eu acabei por arrancar com as coisas e deixei espaço no depósito para depois o NADA preencher com figuras dele, que eram meio diabólicas, meio brincalhonas, por entre aqueles elementos naturais que eu pintei", descreve Silveirinha. "Gostei muito, quando vi o resultado final."

"A ideia era estarmos a trabalhar ao mesmo tempo. Mas, por questões de organização e de tempo, decidimos que seria mais fácil intervir primeiro um e depois o outro", conta NADA. "O Luís fez aqueles padrões, aquelas malhas todas muito florais. Em vermelho, que contrasta muito com o branco – e cria muito impacto visual. Eu completei com as personagens, a preto. As minhas personagens aparecem envoltas na malha." O conceito que ligava o trabalho de ambos era a Festa das Flores. "É uma imagem muito orgânica. As personagens estão como que a navegar por um campo de flores."

NADA conta que, de todas as visitas a locais e histórias que ouviu, a Festa das Flores, ou Festas do Povo, foi a que mais sobressaiu, foi sempre a mais imediata. "E, mesmo fora das festas, acaba sempre por ser incontornável. A localidade não é muito grande e é muito a imagem de Campo Maior: chegamos ao fim de uma rua e só vemos montes no horizonte. Campo Maior é como se fosse uma ilha.



S/ Título, Luís Silveirinha com NADA. Campo Maior, 2016.

E não é preciso muito para se chegar à natureza."

NADA optou por não pintar as suas personagens por cima da malha desenhada por Luís Silveirinha, criando uma ideia de que as figuras estão entrelaçadas nas flores. "A Festa das Flores é muito importante para esta localidade, inclusive para a sua economia. Na altura em que estávamos a pintar, estavam a candidatá-la a Património Cultural Imaterial da UNESCO."

Luís Silveirinha compara a obra a um feijoeiro, que trepa em direção ao céu. Um pouco à semelhança das flores, durante as festas. Ao longo de cada rua, que trabalha uma temática com as suas flores – temática essa mantida em segredo até à colocação e inauguração das festas –, são colocadas estruturas em arco. E os vizinhos, depois de meses a transformarem papel em flores multicoloridas, põem-nas a trepar estrutura acima, alastrando-se vila fora. Como o feijoeiro da história *O João e o Pé de Feijão.*

FREGUESIA Concelho:
CAMPO MAIOR

Localização:
Rua João Ruivo, S/N
Depósito de água,
escadaria

GPS:
Latitude 39.018810
Longitude -7.066310

S/ Título, Luís Silveirinha com NADA. Campo Maior, 2016.

Foi um projeto muito giro. Acho que a arte faz parte da cultura geral, cultivar os jovens desde cedo é muito bom. E foi muito dinâmico, tudo. Os artistas eram muito dinâmicos. Acho que Campo Maior ficou a ganhar.

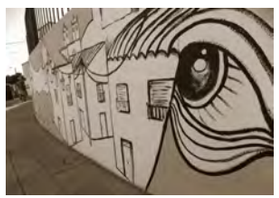
Maria Sarrato, mãe de Maria Sarrato, 45 anos, administrativa.

6

S/Título

Autoria:
Luís Silveirinha
com André Clérigo

"Estas populações estão ainda muito apegadas ao sentido figurativo da arte, ao que a arte era no século XIX", começa por contextualizar Luís Silveirinha.



S/ Título (detalhe), Luís Silveirinha com André Clérigo. Campo Maior, 2016.

No muro que está ao lado de outra intervenção de Luís Silveirinha, o Aquália, estão representadas ao centro um conjunto de casas, com a igreja a ver-se ao fundo. Do telhado de uma dessas casas saem umas fitas, como se fossem cabelos, que se prolongam pelo muro fora. Na ponta dessas fitas, está uma tesoura, que recorta uma flor, que está a ser segurada pela mão de uma mulher. Para o lado oposto das casas, estendeu-se um braço, muito comprido, cuja mão segura uma pandeireta. Estão representadas de novo as Festas do Povo, o acontecimento cultural mais importante da vila de Campo Maior, que acontece de quatro em quatro anos. Ou melhor, e segundo as palavras de Miguel Paula Campos, da Associação Coração Delta, "as Festas do Povo acontecem quando o povo quiser. Costuma ser de quatro em quatro anos, mas, se nos apetecer fazer passados três ou cinco anos, fazemos."

"O André Clérigo é realmente fantástico", conta Luís Silveirinha acerca do jovem talento da terra, que participou nesta sua intervenção de arte pública. "Quando ele fez comigo o muro, ele percebia que o que estávamos a fazer poderia não ser percebido pelas pessoas." E os dois conversaram bastante sobre o que é arte, sobre o que é arte pública.

S/ Título, Luís Silveirinha com André Clérigo. Campo Maior, 2016.

André Clérigo trabalha no Centro de Ciência do Café, eleito o Museu Português 2015 pela Associação Portuguesa de Museologia. À direita da receção, há uma cafetaria e loja que dá a conhecer os diferentes lotes de café. A parede por trás do balcão do bar está preenchida a ardósia. E lá está desenhado a giz um senhor com uma cesta às costas, e o fruto do cafeeiro no interior. Foi desenhado por André Clérigo. Antes, tinha desenhado Fernando Pessoa. As pessoas gostaram muito e isso chamou a atenção da Associação Coração Delta. Foi assim que André entrou no projeto.

S/ Título (durante a visita guiada), Luís Silveirinha com André Clérigo, Campo Maior, 2016.

"Primeiro trabalhou o Luís Silveirinha", conta André Clérigo. "Ele tem um trabalho muito vermelho, umas rendas. Não tem nada fechado. Gosto muito do trabalho dele nesse aspeto." E continua: "Eu, como sou da área da animação e dos *storyboards*, foquei-me nisso. Comecei por retratar o processo das festas de forma simbólica. Guiado pelas rendas dele, juntei as minhas ideias."

André dividiu a área de trabalho por secções. "Na primeira parte, havia uma confusão, até surgir a ideia – saiu uma flor. Quis fazer mais o processo de se chegar ao produto final, às ramadas, quis mostrar o que sei das festas: a entreajuda dos vizinhos, a enramação, as arruadas. Acaba-se a rua e as pessoas vão com as pandeiretas, a festejar terem acabado a rua, ver as outras ruas da vila."

FREGUESIA Concelho:
CAMPO MAIOR

Localização:
Rua João Ruivo, S/N
Muro, Campo Maior

GPS:
Latitude 39.018427
Longitude -7.065990

S/ Título (detalhe), Luís Silveirinha com André Clérigo, Campo Maior, 2016.

Cria impacto visual e é uma maneira atrativa de personalizar os edifícios, dá-lhes um ar mais dinâmico e trazem mais cor. E a cidade fica mais cosmopolita, Campo Maior vai sendo cada vez mais uma cidade do mundo.

Ana Margarida Gama, 32 anos, bióloga.

7

S/Título

Autoria:
Luís Silveirinha
com Orphão

"Queria que o meu desenho fosse o mais simples possível, como se estivesse a escrever com uma esferográfica." Luís Silveirinha refere Louise Bourgeois como influência. "Ela fez uma série de desenhos em noites de insónias. Fez muitos desenhos com caneta vermelha. O mais simples tem mais força do que o complexo."

Na parede do Aquália, em Campo Maior, junto ao depósito de água e ao posto de transformação da EDP Distribuição, onde estão outras duas intervenções suas, Luís Silveirinha desenhou umas flores bojudas, que crescem para todos os lados, formando uma teia – que se apodera do edifício.

Luís Silveirinha refere que os alentejanos têm muito cuidado com a limpeza, todos os anos caiam as casas. Campo Maior é uma vila muito branca, muito cuidada. Teve de haver o cuidado de introduzir a cor de forma a integrar-se com esta maneira de estar e de ser da povoação. A ter isso em conta, e na qualidade de coordenador artístico do Mayor.Art, Luís Silveirinha propôs que não se fizesse qualquer intervenção de arte pública no centro histórico da vila.

Os padrões de geometrias assimétricas de Luís Managem, *aka* Orphão, em tons de azul enquadraram-se na perfeição nesta lógica. Estes traços, retos, labirínticos, são da cor das barras azuis que rematam o sopé das casas alentejanas, caiadas. No Aquália, rematam o rebordo superior do edifício. O azul contrasta com o vermelho, mas expande-lhe as formas, dá-lhes céu; o retilíneo das geometrias contrasta com o curvilíneo das figuras das flores; o abstrato contrasta com o figurativo – dá-lhe teto.

"O Luís Silveirinha pintou primeiro a parte dele, mas tínhamos mais ou menos a ideia do que queríamos que fosse", explica Luís Managem. "Como são dois tipos de linguagens diferentes, para não sobrepor e não tirar protagonismo a um ou a outro, as linguagens tinham de trabalhar em conjunto." E revela que o processo foi simples. "Fiz os meus padrões, brinco com a geometria do edifício." Managem considera que fez uma abordagem simples, de modo a permitir que as linguagens de ambos os artistas respirassem uma na outra, uma através da outra.

"Utilizei o azul. Uma das coisas que gostei em Campo Maior – e também em Degolados e Ouguela... Ainda por cima sou da Amadora, é só prédios, prédios, prédios. Ali não. Ali é só dar dez passos e deparamo-nos com uma vista brutal. Pessoalmente gosto muito de olhar o céu", revela Luís Managem. "Creio que acaba por ser, tanto o vermelho do Luís como o meu azul, o *yin* e o *yang*. A cor quente e a cor fria, formas mais circulares e formas mais retilíneas. Acaba por haver uma harmonia nos dois tipos de linguagem. Acabam por ser diferentes mas, ao mesmo tempo, iguais."

Visto à distância, e em pleno sol a bater quente sobre o edifício, o branco da base e as cores vermelha e azul que o adornam fazem sobressair ainda mais as quatro janelas e a porta, castanho-escuras. É como se fossem quatro olhos e uma boca abertos, de espanto, como no quadro *O Grito*, de Munch.

S/ Título (intervenção de Orphão), Luís Silveirinha com Orphão. Campo Maior, 2016.

S/ Título (intervenção de Orphão), Luís Silveirinha com Orphão. Campo Maior, 2016.

FREGUESIA Concelho:
CAMPO MAIOR

Localização:
R. Heróis do Ultramar 1, Aquália

GPS:
Latitude 39.018549
Longitude: -7.065832

S/ Título (detalhe), Luís Silveirinha com Orphão. Campo Maior, 2016.

Para nós foi extremamente importante por várias ordens de razão. Uma porque traz um lado de cultura, de modernidade, de alguma irreverência até, para os espaços de Campo Maior e as gentes de cá são gentes com cor, com vida, que elaboram as flores de papel. Há um paralelismo com as flores de papel, que também são arte. Pôde dar-se assim vida a alguns sítios que não tinham tanto destaque. Depois, o envolvimento dos artistas que vieram e se envolveram com a comunidade, com os jovens e com os jovens talentos da cidade.

Isabel Raminhas, 45 anos, vereadora da Cultura e da Educação da Câmara Mun. de Campo Maior.

8

S/Título

Autoria:
Alexandre Gaita
e Carlos Cardoso

Chama-se *Passado/ O Que Realmente Importa.* O tema é de Faqhiri, um jovem *rapper* de Campo Maior, e grande parte do videoclipe tem como fundo uma parede peculiar. *Hip-hop* e arte urbana andam de mãos dadas desde os primórdios e em Campo Maior não é exceção. No vídeo, Faqhiri passeia-se pelas ruas da vila, encontra-se com um grupo de amigos, todos de *hood sweater* vestida e, ao escurecer da noite, está defronte da fachada de um pequeno edifício, que está pintado com uma grande flor, ao centro. Trata-se da obra dos jovens campomaiorenses Alexandre Gaita e Carlos Cardoso, que assinam Dr & Ttox. O primeiro é Dr, o segundo, Ttox.

Há dois anos, grafitaram a porta da escola secundária de Campo Maior com a frase "a pátria onde Camões morreu de fome e onde todos enchem a barriga de Camões!", de Almada Negreiros. Depois, num muro exterior, pintaram um mural alusivo ao 25 de Abril, onde desenharam um cravo dentro de uma gaiola e escreveram "não deixes que te aprisionem a liberdade". O início da dupla foi com estas ações. "A nossa arte começou como intervenção", conta Carlos Cardoso, 18 anos, trabalhador-estudante. "Temos necessidade de ter uma voz, de abanar um pouco as águas."

"Desde novo sempre gostei de desenhar e pintar", refere Alexandre Gaita, 20 anos, operário na fábrica Hutchinson. "No secundário conheci o Carlos e começámos a falar, a ter umas ideias, a ver coisas na Internet." E diz que a maior dificuldade que sente neste meio pequeno é toda a gente querer ser igual, não haver vontade de se diferenciarem.

"Chegámos ao projeto através do Luís Silveirinha", explica Alexandre Gaita. "Apercebemo-nos de que ia haver uma assembleia comunitária, assistimos a uma, fizemos bons amigos. Era tudo pessoal acessível. Mostrámos algumas obras ao Luís, que nos disse que não podíamos fazer nada de tão político e interventivo porque não era esse o propósito do projeto – o objetivo era dar às pessoas uma cultura sobre arte urbana e integrar os costumes e as tradições nas obras."

A flor – a flor de papel das Festas do Povo, a flor do cafeeiro – ocupa uma posição central na parede do posto de transformação da EDP Distribuição, como se fosse um Sol. E todo o desenho funciona a partir desse centro, que se expande em direção às extremidades da parede. Há um círculo amarelo, depois um vermelho. E por fora há ainda um rebordo com motivos geométricos azuis e brancos. "Não queríamos tornar a flor muito antiga, queríamos que fosse direcionada para os jovens", conta Alexandre Gaita. "Em Portugal, é tudo feito para os mais velhos, os políticos falam para os mais velhos – dizem muito e acabam por não dizer nada." O posto de transformação fica na rua da escola secundária de Campo Maior.

S/ Título (durante a visita guiada), Alexandre Gaita e Carlos Cardoso. Campo Maior, 2016.

"Fizemos vários desenhos, aproveitámos o *stencil,* que nos facilitou. O *stencil* é uma das nossas ferramentas de trabalho", refere Carlos Cardoso. "Por outra linguagem, tentámos explicar o que é para nós esta flor. Preenchemos o desenho com camadas – vermelhas, bordô, alusivas aos campos do Alentejo, e azul com linhas brancas a lembrar as casas. Fizemos um padrão um bocado psicadélico para chegar à malta mais nova." Receberam vários elogios.

FREGUESIA Concelho:
CAMPO MAIOR

Localização:
Posto de transformação da EDP Distribuição, R. D. João de Portugal

GPS:
Latitude 39.079808
Longitude -7.031147

S/ Título (detalhe), Alexandre Gaita e Carlos Cardoso. Campo Maior, 2016.

Esta parede [intervenção de Alexandre Gaita e Carlos Cardoso] estava um pouco degradada e, ao fazerem esta pintura, ficou um ambiente mais agradável.
Patrícia Silveirinha, 17 anos, estudante.

9

S/Título

Autoria:
Orphão

Há quem conte que apareceu numa pedra, num local onde havia muitos meninos com fome, e transformou as pedras em pão. Outros contam que uma mulher estava a lavar roupa junto ao rio e a filha lhe apareceu com um brinco de ouro, dizendo-lhe que tinha sido uma senhora muito bonita que estava em cima de uma pedra quem lho tinha dado. É esta a lenda de Nossa Senhora da Enxara e, no local da tal pedra, foi construído um santuário que é alvo de grandes romarias durante o período da Páscoa. Na várzea, há fitas a demarcar os vários lotes onde as pessoas podem montar tenda para acamparem. Há também muitos emigrantes que regressam por esta altura. Várias *roulottes* de comes e bebes distribuem-se pelo largo e há também uma pista de carrinhos de choque. À volta, há olivais e montados (azinheiras e sobreiros), rasgados por uma estrada estreita e sinuosa de onde se veem pontualmente caleiras, que contam as histórias de vida de quem lá trabalhou.

S/ Título, Orphão. Ouguela, 2016.

Este santuário rodeado por olivais e montados vê-se de Ouguela, um pequeno lugar situado no cimo de um monte onde foi construído um castelo que foi vital nas batalhas contra Espanha, nomeadamente na crise de 1383-85, na guerra da sucessão de Espanha, na guerra das Laranjas e na guerra da Restauração. Também este castelo tem uma lenda associada, a do Tamborzinho. Conta-se que, numa dessas guerras, estando Ouguela cercada e sem forma de avisar Campo Maior, um rapaz, que tocava tambor na guarnição, se ofereceu como mensageiro. E, sendo criança, conseguiu passar pelas fileiras do inimigo e pedir reforços que foram a salvação de Ouguela.

Nas quatro paredes do edifício que chegou a ser a escola primária de Ouguela e que se precipita sobre a paisagem a perder de vista, com o santuário de Nossa Senhora da Enxara à direita e o castelo de Albuquerque, passada já a raia de Espanha, à esquerda, estão representadas estas duas lendas: a da Nossa Senhora da Enxara e a do Tamborzinho.

"Nas assembleias de Ouguela apareceu muita gente. A região de Ouguela é muito rica, foi uma tentativa de reunir tudo", conta Luís Managem, autor da intervenção **Arte Pública fundação edp** em Ouguela. "Tive uma certa dificuldade com a Santa, foi sofrendo alterações enquanto fui pintando. Mas a conexão que se sente é mais importante do que o retrato real. Houve uma senhora beata que foi lá uma vez, fez uma reza e agradeceu-me."

Na face do edifício que se encontra debruçada sobre a vista, que tem algumas mesas e cadeiras debaixo da arcada – parte do espaço é hoje um centro de convívio –, está também desenhado um tambor, a ser tocado. Ao lado, está ainda representado um senhor idoso a puxar um burro, carregado de sacas. "Esse desenho foi inspirado no Centro de Ciência do Café, tem lá uma instalação de um velhote e um burro. Tirei uma fotografia e achei importante fazer uma intervenção a partir da história do contrabando."

A outra face lateral está dedicada à Associação de Caçadores Entre Xévora e Abrilongo. "Desenhei-lhes o símbolo, dando-lhe um toque mais artístico. O fundo é a paisagem à volta, que vai dos verdes mais escuros aos mais claros, do amarelo mais claro ao alaranjado, o mesmo acontecendo com o azul", descreve Managem. "Trata-se da paisagem e da sua variação de luz ao longo do dia e da noite, desde os dias mais quentes aos dias mais frios."

FREGUESIA Concelho:
OUGUELA
Campo Maior

Localização:
Antiga escola primária, Junta de Freguesia de S. João Batista

GPS:
Latitude 39.079972
Longitude -7.030689

S/ Título, Orphão. Ouguela, 2016.

O projeto que me foi apresentado pareceu-me ambicioso, até desmedido, para a nossa realidade. Havia a sensação de poder não ser bem recebido, pelo formato. Trata-se de uma aldeia com 60 habitantes [Ouguela]. Para meu espanto, as pessoas ficaram superencantadas. Até num outro projeto que temos de turismo, com a Fundação Inatel, que inclui a aldeia no circuito dos destinos de eleição do Norte Alentejo, ficaram surpreendidos.

Miguel Tavares, 42 anos, presidente da Junta de Freguesia de S. João Batista.

10

S/Título

Autoria:
Orphão

"De dia estavam 42 °C e era muito duro, tínhamos de lhe levar água", conta Florival Cirilo, presidente da Junta de Freguesia de Nossa Senhora da Graça dos Degolados. "No tempo em que o Luís esteve ali, as pessoas juntavam-se, os miúdos queriam pintar a parede. Havia até quem já quisesse pintar em casa", continua Florival Cirilo. "Pensava que ninguém ia aderir e foi precisamente o contrário. Foi muito interessante, principalmente para os jovens."

Decorreram quatro assembleias em Degolados para apurar a temática que haveria de ser retratada na intervenção artística de Luís Managem, que assina Orphão. "Na primeira assembleia, foram as pessoas mais velhas. E nessa assembleia estava o senhor mais velho da aldeia", conta Luís Managem. "Um idoso é uma pessoa sábia. E aquele senhor era a pessoa que anda cá há mais tempo. Gostei desse facto." Mas a aceitação por parte da população não foi consensual e o tema que propunha retratar o senhor em questão acabou por cair.

"Na segunda assembleia, a faixa etária já era mais nova, que trouxe a perspetiva de outras vivências na terra. Eu não tinha noção de que a aldeia tinha uma ligação ao atletismo e ao futebol", refere Managem. "Percebi também que de Degolados saíram homens para a I Guerra Mundial."

Diz-se que o nome Degolados estará associado a um ribeiro onde eram degoladas pessoas, que é hoje o Ribeiro das Hortas. Outro traço marcante para a subsistência desta povoação foi a exploração mineira – de cobre e de ferro –, sendo as minas mais conhecidas as da Tinoca e do Monte Alto.

"O tema que depois acabei por retratar até foi um jovem que estava presente nas assembleias que sugeriu: porque não fazer um apanhado de todas aquelas histórias? Desde um miúdo de mochila às costas a caminhar para a escola, à miúda do atletismo – uma delas ajudou-me inclusive a pintar –, ao miúdo que está a jogar futebol. Há também o retrato de uma senhora, que é a figura maior do muro", descreve. "Quando os homens partiram para a guerra, as mulheres tiveram de arregaçar as mangas e ir trabalhar para o campo para sustentar a família." Há também o homem fardado a empunhar a bandeira de Portugal e um homem, sentado, à entrada de uma mina. O fundo de todas estas personagens é pintado de verde, a cor da paisagem à volta de Degolados. "Depois, desenhei também um rio, que passa ali perto. O presidente da junta chegou a levar-me à barragem. Em cima, os padrões que são uma imagem de marca minha – o azul mais escuro, que retrata o azul do céu durante a noite – e o mais claro – que retrata o céu durante o dia." Os dois azuis estão separados pelo amarelo, que simboliza o sol intenso. Luís Managem conta ter havido um dia em que estavam 45 °C, saiu para a rua para fumar e nem conseguiu fazê-lo. Teve de voltar para dentro de casa.

"Fiz parte do projeto, ajudei o Managem a pintar. Acho que está brutal. Não havia nada aqui e agora as pessoas passam e olham", conta Beatriz Militão, a atleta retratada no mural de Degolados e que ajudou o artista a fazer os enchimentos dos desenhos com tinta e ajudou com os materiais, a arrumar as coisas, a mover o escadote. Tem 17 anos, é estudante e quer seguir Turismo, na faculdade. "Quando estávamos aqui a trabalhar paravam e tiravam fotografias. Até houve uma vez em que vieram dar uma gorjeta."

S/ Título (durante a intervenção), Orphão. Degolados, 2016.

FREGUESIA Concelho:
DEGOLADOS
Campo Maior

Localização:
EN371, Nº Sª da Graça dos Degolados

GPS:
Latitude 39.060863
Longitude -7.121920

S/ Título (detalhe), Orphão. Degolados, 2016.

Em primeiro lugar, tenho de agradecer o facto de a fundação edp se ter lembrado de Campo Maior. E a parceria com a Associação Coração Delta. Na minha ótica, foi um projeto muito bom, até os idosos estavam despertos para os graffiti, expressaram certas identidades da terra. Sinto é que não está muito divulgado. É só a carência que existe ainda.

Florival Cirilo, 42 anos, presidente da Junta de Freguesia da Nossa Sra. da Graça dos Degolados.

11

S/Título

Autoria:
Coletiva

Foi sempre a temática de Campo Maior. As Festas do Povo, ou Festas das Flores, são um festival de flores de papel que enfeitam toda a vila e cada rua tem a sua temática, cujo segredo é guardado até ao dia de abertura. Depois de meses a trabalharem nas suas flores e na sua disposição, os vizinhos colocam os seus enfeites na sua rua na noite de véspera do início das festas.

"A pintura envolveu todo o edifício, que está à entrada, ou à saída, depende da direção com que se entre em Campo Maior", refere Luís Silveirinha. O edifício encontra-se junto às piscinas cobertas do município e é parte posto de transformação da EDP Distribuição e parte é propriedade da câmara. "Tinha esse peso de receber as pessoas e de criar alguma memória no chegar e no partir."

Na parte do edifício que dá para a estrada, estão representadas precisamente as Festas do Povo. No lado oposto, está representado o processo, os preparativos das Festas do Povo. "Esta intervenção foi muito importante em termos de experiência e pela quantidade de jovens envolvidos", explica Luís Silveirinha. "Foi uma homenagem às Festas de Campo Maior. Levou-nos dois fins de semana a pintar. A população levou-nos alimentos, gelados e chegou inclusivamente a participar. Participou do que se queria uma festa."

"As festas são de tal forma um tema forte que, quando eu e o João Pinharanda [curador do Arte Pública fundação edp] falámos, ele referiu que o meu trabalho fazia, de certa forma, uma ligação às flores, pelas redes que vão formando. São um traço do meu trabalho", continua Luís Silveirinha. "Acabei por recriar isso junto de alguns edifícios que intervencionei."

S/ Título, Coletiva (Luís Silveirinha, NADA, Orphão, André Clérigo e comunidade). Campo Maior, 2016.

Os tons das volumetrias oscilam entre o amarelo – o quente que atinge os 42 °C no verão, o quente das searas de trigo durante o estio – e o vermelho, cor de terra, de sangue, de suor do trabalho árduo nos campos, de sol a sol. A mancha vermelha contínua que se sobrepõe às figuras que trabalham, na parede que retrata o processo da feitura das flores, é o elemento que une essas mesmas figuras, sugerindo que o trabalho é um só, que todos produzem para o coletivo. Um pouco à semelhança da participação de todos os artistas nesta intervenção coletiva de arte pública em Campo Maior.

De lado, numa das paredes mais estreitas, está desenhada uma figura angelical – por cima do dorso há um halo guarnecido a flores que sugere um misto de auréola e asas – mas que é, curiosamente, feminina. À sua frente, está o seu dúplice, mas não uma sombra. É precisamente a razão inversa desta, é luz – sem preenchimento das formas, o branco (ou o nada) a elevar a condição feminina a um lugar de eternidade.

No edifício, há uma torre ao centro. Pintaram uma flor azul, com um pêndulo. Como se fosse uma campânula, a marcar o passo dos trabalhos e das festas. "Este trabalho foi uma forma de os artistas se relacionarem mais uns com os outros, de se conhecerem melhor", refere Ana Rijo, jovem estudante do ensino secundário que participou no Mayor.Art. "A partir desse mural, estabelecemos uma amizade."

S/ Título, Coletiva (Luís Silveirinha, NADA, Orphão, André Clérigo e comunidade). Campo Maior, 2016.

FREGUESIA Concelho:
CAMPO MAIOR

Localização:
EN371, Fonte Nova, posto de transformação da EDP Distribuição

GPS:
Latitude 39.017900
Longitude -7.075432

S/ Título, Coletiva (Luís Silveirinha, NADA, Orphão, André Clérigo e comunidade). Campo Maior, 2016.

Foi fixe. Eu gostei porque a vila não é muito alegre e quem passa por ali percebe bem que mudou bastante. Ficou bem colorido, parecendo a Baía, no Brasil.

Pedro Caio, participou na intervenção coletiva, 17 anos, estudante.

Arte Pública fundação edp

Roteiro ALTO ALENTEJO
Projeto MAYOR.ART

MAYOR.ART

Curadoria Arte Pública fundação edp:
João Pinharanda

Coordenação Arte Pública fundação edp:
Sandra Santos

Comunicação Arte Pública fundação edp:
Bárbara Vaz Pereira

Textos:
Cláudia Marques Santos

Fotografia:
Armando Aranha
Paulo Alexandre Coelho

Conceção gráfica:
Cláudia Baeta e Paula Dona

Edição:
fundação edp
Lisboa, outubro de 2017

Impressão e acabamento:
Indústria Portuguesa de Tipografia, Lisboa

Nº Depósito legal: 432484/17
ISBN: 978-972-8909-39-0

Parceria:

Coração Delta
ASSOCIAÇÃO DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

Com o apoio:

edp distribuição

ARTE PÚBLICA · fundação edp ·

Agradecimentos:

Aos artistas locais Ana Rijo, Maria Sarrato, Maria Ciobanu, Alexandre Gaita e Carlos Cardoso. Armando Aranha, pelo registo fotográfico. Aos bombeiros voluntários de Campo Maior. Às juntas de freguesia do concelho de Campo Maior: Miguel Tavares, João Rosinha e Florival Cirilo. A toda a comunidade participante nas assembleias, no apoio aos artistas e aos guias locais, dos quais destacamos: Fernando Antunes, Ascensão Antunes, Vidal Cirilo, Américo Pires, Dinis Afonso, José Oliveira, José Calado, José Pedro Caldeirão, Joaquim Palmeiro, Lúcia Tonela, Ana Castanho, Miguel Pernão, Tânia Galama, Joana Borrega, João de Deus Borrega, Nuno Duarte, Joana Gonçalves, Natalino Borrega, Conceição Borrega, Berta Carlos, Joaquim Travanca, António Carrufa, João Cardoso, Maria Clotilde Encarnação, António Gadanha, Maria da Conceição Romão, Eugeniu Musteata, Bruno Saragoça, Celeste Salomé, António Rodriguez, António Sousa, Alda Santos, Maria Joaquina, Maria de Jesus Raimundo, Isabel Moacho, Maria Helena, Joaquim Teixeira, Carlos Alfacinha, Elisabete Teixeira, Hugo Santos, Mário Miranda, Maria da Conceição Ruivo, Vanda Alegria, Leonor Alegria, Nelson Encarnação, Toni Ferreira, António Pernão, Delmira Carrufa, Maria de Fátima Gaminha, João Carita, João Custódio, José Borrega, Rui Morais, Tiago Godinho, Bernardo Antunes, Elza Matos, Paula Rodrigues, José Belga, Conceição Mé, Paulo Carrilho, Duarte Borrega, Pedro Lages, Célia Saragoça, Arsénio Santana, Beatriz Silveirinha, Ana Marta Santos, Pedro Nicolau, Catarina Mé, Maria das Dores Sarrato, David Ferreira, Dara Correia, Maria Andrade Sarrato, Leonor Vilhalva, Afonso Gama Guerra, António Nanita, Maria Restolho, Catarina Cabeções, Alexandra Centeno, Roberto Gaião, Orlando Gago, Beatriz Militão, Inês Dias, Nuno Tomé, Luis Gavancho, Francisco Galego, Mafalda Trindade, Rafael Trindade, João Fernandes, Marta Pernão, Miguel Laureano, Maria Leonor Fernandes.

"Com este programa, a fundação edp contribui para levar a comunidades rurais um maior contacto com a arte, provocando, simultaneamente, uma reflexão sobre a sua função na nossa sociedade. Tem, ainda, outro mérito: o de conciliar no mesmo programa as duas principais áreas de intervenção da fundação, onde tem um percurso reconhecido e consistente: a inovação social e a cultura. Este é um projeto que mobiliza artistas e comunidades rurais num diálogo inovador que resultará num roteiro inesperado de arte pública e num motivo de orgulho para todas as partes envolvidas."

Miguel Coutinho
Diretor-geral e administrador executivo da **fundação edp**

Minho

Braga
Crespos e Pousada
Padim da Graça
Merelim (São Paio)
Panoias
e Parada de Tibães
Palmeira

Ribatejo

Rio Maior
Vila da Marmeleira
Assentiz
São João da Ribeira
Ribeira de São João

Alto Alentejo

Campo Maior
Degolados
Ouguela

Trás-os--Montes

Alfândega da Fé
Torre de Moncorvo
Miranda do Douro
Mogadouro

Médio Tejo

Vila Nova da Barquinha
Atalaia
Praia do Ribatejo
Tancos

Algarve

Vila do Bispo
Barão de São João
Mexilhoeira Grande
Figueira
S. Bartolomeu de Messines
Alte
Alportel

ARTE PÚBLICA • fundação edp